



A Economia do Café no Século XIX

Pedro Carvalho de Mello e
Ana Cecília de Medeiros Nitzsche Kreter



Strong
Business School



A Economia do Café no Século XIX

Pedro Carvalho de Mello e
Ana Cecília de Medeiros Nitzsche Kreter



Strong
Business School

Mantenedor

Prof. Sergio Tadeu Ribeiro

Diretor Acadêmico

Prof. Me. Eduardo Henrique Becker

Diretor de Pesquisa

Prof. Ph.D. Pedro Carvalho de Mello

Equipe do Diretório de Pesquisa

Prof. Dr. Carlos Alberto di Agustini

Prof. Ph.D. Cláudio R. Contador

Prof. Dr. Isnard Marshall Júnior

Prof. Me. Ulysses Alves dos Reis

Revisão

Prof. Ph.D. Pedro Carvalho de Mello

Coordenação Editorial

Prof. Me. Alexandre de Almeida

Bibliotecária Mônica Monteiro

Projeto Gráfico

Studio Vibrare

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mello, Pedro Carvalho de

A economia do café no século XIX / Pedro Carvalho de
Mello, Ana Cecília de Medeiros Nitzsche Kreter -- Santo André,
SP : Centro de Ensino Superior STRONG, 2022.
PDF

1. Café – Cultivo – História 2. Economia –
Brasil – História 3. História I. Título.

CDCD-331. 117340981

Elaborado pela Bibliotecária Mônica Monteiro – CRB- 8/7400

Todos os direitos reservados à Strong Consultoria Educacional.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão ou autorização por escrito da Editora.

2022

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR STRONG


Av. Industrial, 1.455

09080-510 | Santo André | SP | Brasil

Fone: 11 4433-6166

www.strong.com.br

www.esags.edu.br



Trabalho produzido pelo diretório de pesquisa que visa atender às demandas captadas no correr das suas próprias pesquisas bem como àquelas apresentadas por entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais. Esse atendimento ocorre por meio da produção de conhecimento de base científica e da formação de recursos humanos para o benefício da sociedade como um todo.

Ser uma fonte de contribuição social e educacional

Desde seu começo, a Strong Business School procura contribuir com a sociedade brasileira de diversas maneiras. A Diretoria de Pesquisas, criada em 2021, é um importante passo nessa direção.

A SBS entende que sua missão é tripla:

Preparar os alunos para serem cidadãos responsáveis, com base em princípios éticos, para seguirem carreiras profissionais no País e no exterior;

Ter sua missão educacional atrelada à procura de profissionais pelo mercado de trabalho, para que o investimento na formação de recursos humanos obtenha retornos sociais líquidos positivos;

Ter foco preferencial na sua área de atuação na economia e sociedade da Baixada Santista e do ABC.



A Economia do Café no Século XIX

Pedro Carvalho de Mello, Professor da SBS
Ana Cecília de Medeiros Nitzsche Kreter, Professora da SBS
Economistas do Centro Europeu de Estudos e Pesquisas

Sumário

Apresentação	6
Introdução	7
1. O Ciclo do Café, aspectos gerais	9
2. Principais aspectos da produção do café e da gestão e organização deste cultivo nas grandes fazendas	10
3. Evolução das exportações, preços e comércio do café	20
4. Gestão das receitas obtidas pelas fazendas de café	27
Considerações Finais.....	29
Referências	30
Sobre os autores.....	31

Apresentação

A atividade de produção do Café se desenvolveu num contexto histórico de grandes mudanças institucionais no Brasil. Os fazendeiros de café, os grandes empreendedores no Século XIX, enfrentaram e usaram suas habilidades para conduzir com êxito uma atividade em que a produção, comercialização e exportação do café cresceram continuamente.

Nesse processo, adaptaram a gestão de trabalho nas fazendas, para promover de modo gradual e pacífico a transição o trabalho escravo para o trabalho livre executados por imigrantes europeus.

Introdução

O Brasil lidera o ranking dos países exportadores de café arábica produzido mundialmente. O País foi responsável pelo embarque de 1.841.510 sacas de 60 kg em abril de 2017, e o volume exportado representou 34,3 % do total¹. Como visto, o Brasil segue na frente do mercado global, e o cultivo de café continua muito importante. No entanto, o Brasil de hoje guarda muitas diferenças com aquelas condições que existiam quando ocorreu o ciclo do café no Império. As condições políticas, econômicas e sociais do País mudaram significativamente nos últimos 110 anos.

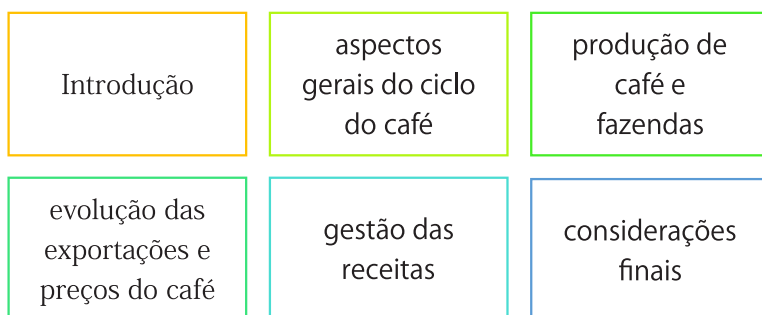
Com efeito, o café, durante o século XIX, foi a última grande commodity a ter uma abrangente presença econômica, política e social no Brasil. No período de 1850 a 1930, o Brasil era o café. Assim era visto no exterior, e no imaginário do País. Em 1940, a população brasileira atingiu 41,2 milhões de habitantes, e o País estava começando a industrializar-se. Emerge uma burguesia urbana voltada para o comércio e a indústria, e a população urbana alcançava 12,8 milhões de habitantes. A sociedade, a economia e a política passam por mudanças estruturais.

Hoje, vivemos num País com 211,8 milhões de habitantes (em 2020), dos quais 138 milhões vivendo nas cidades e áreas urbanas. Outras commodities minerais (ferro, principalmente) e agrícolas (soja, carnes,

¹ De acordo com os dados da Organização Internacional do Café (OIC), as exportações mundiais desse grão atingiram 5.361.095 sacas em 2017.

algodão, laranja e outras) passaram a ter uma importante presença nos mercados internacionais. O País se diversificou em termos econômicos, políticos e sociais. Ao invés de uma grande e única commodity na economia, temos agora mais de 30 commodities ocupando o ranking das três maiores exportadoras globais. Deixamos de ter uma “loteria de commodities”, ficando à mercê do comportamento da demanda e dos preços formada fora do nosso alcance — para uma única commodity. Temos agora uma carteira diversificada de commodities e um risco cambial e orçamentário muito menor.

O ciclo do café pode ser visto como o último do modelo de “plantations” típico da era colonial, embora se desenvolvesse no Brasil Império e nas primeiras décadas do Brasil República. Esse ciclo será examinado neste Episódio, fazendo uso de uma análise de cunho mais quantitativo e estatístico. O foco específico recai sobre o período de 1850 a 1890, época em que houve uma grande transformação no mercado de mão de obra. Este Episódio está organizado da seguinte maneira:



1. O Ciclo do Café, aspectos gerais

Breve histórico

As primeiras experiências com o cultivo do café no Brasil foram realizadas no século XVIII no Pará². A partir daí o café foi se difundindo no litoral brasileiro, rumo ao sul, chegando à região do Rio de Janeiro, por volta de 1760. Plantado nas encostas dos morros da cidade, dali subiu a serra, adquiriu uma dimensão comercial e exportadora, e foi se espalhando no Vale do Paraíba. Em meados do século XIX, o fulcro do cultivo se desloca para Campinas e o interior de São Paulo.



Fonte: Globo Rural.

Economia do café

O café foi a mais importante commodity produzida no Brasil no século XIX, e conquistou o mercado mundial³. A economia do café envolvia diversos elos da cadeia de produção, e se expandiu num século em que o desenvolvimento de transportes e mercados globais trouxe grande competitividade para essa indústria.

O período histórico coberto nesse capítulo é a segunda metade do século XIX, quando o Brasil se firmou no cenário mundial como o maior produtor de café. Nesse período, as grandes questões de mão de obra – livre ou escrava – assumiram papel central nas discussões sobre o futuro do Brasil.

² As mudas da planta foram cultivadas por Francisco de Melo Palheta, em 1727.

³ A produção em escala comercial para exportação ganhou força apenas no início do século XIX. Tal dimensão de produção cafeeira foi possível apenas com o aumento da procura do produto pelos mercados consumidores da Europa e dos EUA.

Nesse período, consolidou-se a importância das grandes fazendas de produção de café do Vale do Paraíba e da região de Campinas e interior de São Paulo. À medida que crescia o papel dos ganhos de escala, emergiam os temas de organização e da administração das fazendas de café, assim como as questões de produtividade da mão de obra e da tecnologia utilizada.

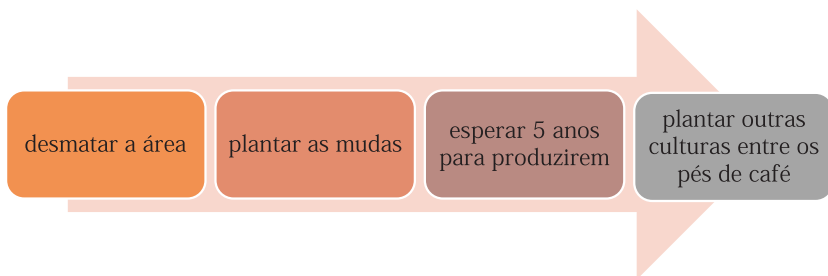
Um aspecto a destacar, do ponto de vista econômico, é a necessidade de se acentuar a importância de estoques de fatores de produção, ao invés de fluxos de renda. Com efeito, o café é uma cultura perene, pois os pés de café podiam se manter produtivos por mais de 20 anos. Do mesmo modo, a mão de obra escrava – que dominava quase de maneira absoluta o trabalho na agricultura do café – podia ser analisada do ponto de vista de estoques.

2. Principais aspectos da produção do café e da gestão e organização deste cultivo nas grandes fazendas

A economia cafeeira do Brasil no século XIX se beneficiou de um potente círculo virtuoso: preços em alta, expansão da produção e uma crescente demanda no mercado exportador. As fazendas de café se organizaram para responder adequadamente à demanda, e serão vistos nesta seção os principais passos organizacionais.

Plantio do café

As técnicas de produção de café eram simples e seguiam os passos mostrados a seguir:

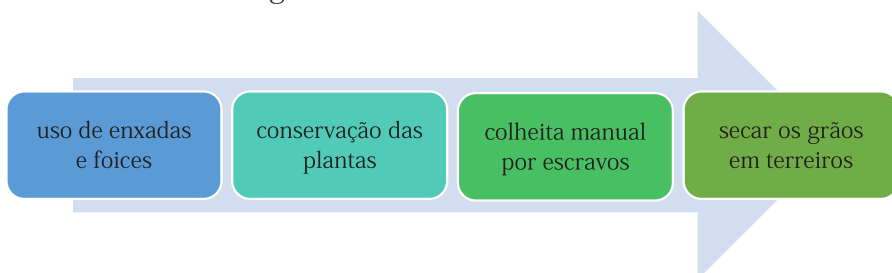




Fonte: Tecnologia no Campo.

Técnicas do manejo

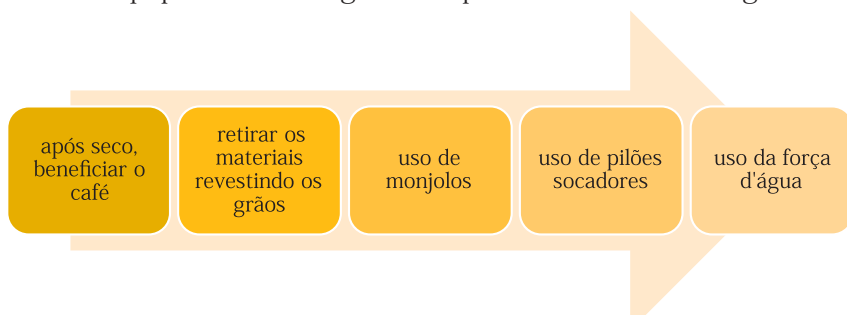
As técnicas de manejo do café plantado eram simples e seguiam os passos mostrados a seguir:



Fonte: History.com.

Beneficiamento do Café

As técnicas de beneficiamento do café colhido requeriam maiores cuidados e equipamentos e seguiam os passos mostrados a seguir:



Fonte: Klike.net.

Geografia do café

Na região sudeste do Brasil, o clima e o solo criavam condições propícias para o desenvolvimento da atividade cafeeira. A região era parcialmente desmatada e habitada, já que serviu, no ciclo do ouro, de rota de transporte entre a região aurífera e a de provisão de mercadorias na cidade do Rio de Janeiro. Essa vantagem locacional criou condições para introduzir roças de café e facilitou o escoamento da produção na incipiente malha de transportes.

Muito embora as condições de clima e solo no Brasil pudessem favorecer a produção de café em muitas regiões, na prática, toda a produção voltada para o mercado era feita nas províncias do sudeste do País.

Vamos designar por “região do café” as províncias produtoras de café do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Ademais,

devemos incluir nessa lista o Município Neutro⁴. A cidade e o Porto do Rio de Janeiro eram localizados nesse município, o que do ponto de vista econômico e geográfico tornou-se a metrópole regional, o centro financeiro e o comercial da “região do café”. Esse papel do binômio Rio de Janeiro/porto foi sendo dividido e já suplantado nas últimas décadas do século XIX pelo complexo da cidade de São Paulo e do Porto de Santos.



Fonte: Mapa da Região Sudeste do Brasil.

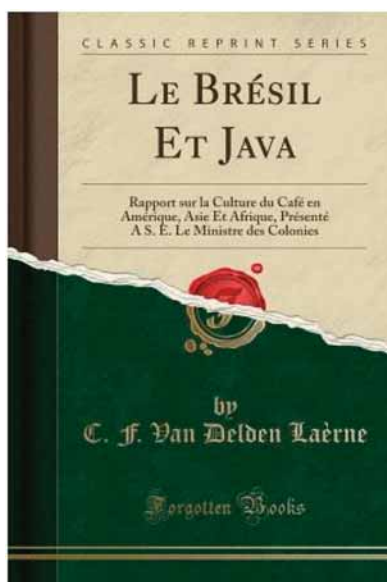
A área total da região do café abrangia 980.946 km², representando 11,8% da extensão do Brasil. No entanto, apenas uma pequena parte dessa área se dedicava ao cultivo do café. Segundo Van Delden Laerne, a área produtora de café, em torno de 1884, era 380.000 km², aproximadamente 38,7% do total da região⁵.

Van Delden Laerne foi um excelente e minucioso pesquisador do potencial e das perspectivas futuras da região do café, numa época em que havia grande incerteza sobre o futuro da indústria cafeeira no Brasil, face à iminente abolição da escravatura. A Holanda era competidora do Brasil, e Laerne, como parte interessada, fazia sua análise do ponto de

⁴ O Império do Brasil foi organizado segundo províncias e municípios. O governo era centralizado no Município Neutro, que era a capital do Império do Brasil.

⁵ C.F. Van Delden Laerne, *Brazil and Java: Report on Coffee Culture in America, Asia and Africa* (London: W. M. Alden & Co., 1885)

vista comparativo com Java. Sua pesquisa foi feita entre setembro de 1883 e abril de 1884. Seu livro é um excelente trabalho cobrindo diversos aspectos do cultivo de café nessa época.



Fonte: Capa do livro de Van Delden Laerne, edição francesa.

Regiões cafeeiras

A área produtora de café podia ser dividida em duas subáreas ou zonas de cultivo, de acordo com a atração gravitacional do porto do Rio de Janeiro (a “Zona do Rio”) e a atração gravitacional do Porto de Santos (a “Zona de Santos”).



Zona do Rio



Zona de Santos

Zona do Rio

Na Zona do Rio prevalecia o clima marítimo. A Zona do Rio estava situada numa altitude de 200 a 550 metros acima do nível do mar. A extensão da área era de 155.000 km², contendo todos os municípios

que pertenciam geograficamente ao Vale do Rio Paraíba, no âmbito das Províncias do Rio de Janeiro, de uma pequena parte da Província do Espírito Santo (70.000 km²), dos municípios do nordeste da Província de São Paulo (30.000 km²) e dos municípios do leste da Província de Minas Gerais (55.000 km²)⁶.

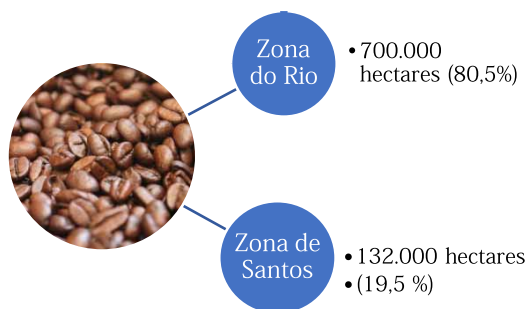
Zona de Santos

O clima continental preponderava na Zona de Santos, pois se situava mais interiorizada que a Zona do Rio. A altitude era maior, entre 600 e 1.000 metros acima do nível do mar. A extensão era de 225.000 km², compreendendo os Municípios do Centro, Noroeste e Oeste da Província de São Paulo (200.000 km²) e os municípios do sudoeste de Minas Gerais (25.000 km²).

Áreas plantadas com Café

A área geográfica com aptidão para o cultivo de café somava 380.000 km² (soma das áreas das Zonas do Rio e de Santos). A área coberta com pés de café, evidentemente, era bem menor. Laerne estimou o montante em 832.000 hectares, equivalente a 2,2 % do total das Zonas do Rio e de Santos⁷.

Importante acentuar que a expansão de cultivo podia se dar utilizando as terras virgens, não havendo necessidade de competir com outros usos do solo existentes. Desse modo, as restrições para o aumento da oferta se colocavam nos fatores de produção a mão de obra e o capital, e não a terra.



6 Nas áreas circunscritas pelo Rio Paraíba a leste e a Serra da Mantiqueira a oeste.

7 Um hectare equivalia a 2,47 acres. Um km² equivalia a 100,4 hectares.

Extensão da área plantada

A extensão da área plantada com café ocupava 607.300 hectares em 1874, e em 1884 já havia aumentado para 832.000 hectares (um aumento de 37%). O número de pés de café era 530 milhões em 1874 e 992 milhões em 1884 (um aumento de 87 %).



Fonte: Imagem de Cafezais.

A Tabela 1 mostra as principais características econômicas dos 992 milhões de pés de café existentes em 1884, de acordo com as observações de Laerne⁸:

ZONA	Pés Com Frutos	Pés Jovens (ainda sem dar frutos)	Total
RIO	756.757	93.509	850.266
SANTOS	100.845	40.834	141. 279
TOTAL	857.602	133.943	991.545

Tabela 1: Características Econômicas dos Pés de Café, 1994

Fonte: Laerne, *Brazil and Java*, p. 367.

Valor de Ativo dos Pés de Café

Os pés de café podem ser vistos como bens de capital, pois, uma vez plantados, poderiam produzir durante vários anos seguidos. Em termos de *valuation*, os pés de café, já aptos a ter frutos, tinham um valor de

⁸ Laerne, *Brazil and Java*, p. 367.

capital equivalente ao valor presente dos retornos líquidos esperados com a venda do café. Para se mudar o cultivo da área plantada com café para outros usos, haveria um grande custo de perda de capital. Mesmo com preços baixos, o cultivo de café poderia continuar, pois sempre existiria a expectativa de um aumento nos preços do café.



Fonte: Tecnologia no Campo.

Segundo Walsh, os pés plantados levavam cerca de quatro anos para começar a dar frutos⁹. A produção plena dos pés de café se dava aos seis anos de idade. A vida econômica dos pés de café – em oposição à sua vida biológica – era de 25 a 30 anos¹⁰.

A produção por pé de café também exibiu um padrão de ciclo de vida, e alcançava a produtividade plena nos anos da “meia idade”. Esse desempenho econômico se refletia na avaliação dos pés de café segundo sua idade. O padrão de ciclo de vida da produtividade dos pés de café, junto à capitalização das receitas líquidas esperadas, resulta num perfil de idade/preço dos pés de café. A Figura 1 exemplifica esse perfil, e foi elaborada com base em dados da Fazenda Oriente, em 1882.

9 Joseph M. Walsh, *Coffee: Its History, Classification and Description* (Philadelphia: J. M. Walsh, 1894), p. 71.

10 Laerne, *Brazil and Java*, p.296. Segundo Laerne, era o período durante o qual o fazendeiro achava vantajoso manter sua produção.

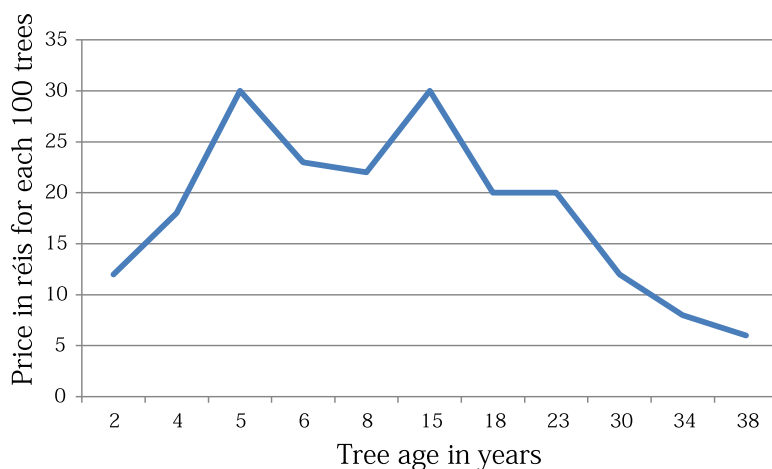


Figura 1: Perfil Idade/Preço dos Pés de Café da Fazenda Oriente, 1882 (em réis para cada 100 pés)

Fonte: Pedro C. de Mello, *The Economics of Labor in Brazilian Coffee Plantations*, 2018.

Tamanho das Áreas (em Alqueires) nas Plantações de Café

Com base numa pesquisa das Atas da Gerência do Banco do Brasil, no período de 1867-1870, contendo dados de hipotecas de fazendas de café, é possível classificar as fazendas de café segundo faixas de tamanho.

Desse modo, as situações e sítios eram pequenas propriedades, e fazendolas e fazendas as grandes *plantations*.

situação (menos de 50 alqueires)	sítio (50 a 100 alqueires)	fazendolas (150 alqueires)	fazendas (300 a 400 alqueires)
----------------------------------------	-------------------------------	----------------------------------	--------------------------------------

Ativos das Fazendas de Café

O Quadro 1 mostra os ativos de uma fazenda de café em Vassouras, importante município produtor de café do Vale do Paraíba, listado num inventário da família Werneck em 1882.

(1) <u>TERRA</u>	
59 alqueires, pastos e plantações de café	<u>8,260\$000</u>
(2) <u>PÉS DE CAFÉ</u>	
13000 com 18anos de idade	2,600\$000
30.000 com 8 anos de idade	6,600\$000
17000 com 6 anos de idade	3,910\$000
12000 com 4 anos de idade	2,160\$000
18000 com 5 anos de idade	5,400\$000
16000 com 2 anos de idade	1,920\$000
55.000 com 15 anos de idade	16,500\$000
34.000 com 23 anos de idade	6,800\$000
10,000 com 30 anos de idade	1,200\$000
12,000 com 38 anos de idade	720\$000
15,000 com 34 anos de idade	1,200\$000
Subtotal	<u>49,010\$000</u>
(3) <u>PRÉDIOS</u>	
Casa, com telhas e pisos de madeira	10,000\$000
Armazéns de café	2,400\$000
Enfermarias	1,800\$000
30 senzalas	2,400\$000
Outros prédios	2,030\$000
Subtotal	<u>18,630\$000</u>
(4) <u>ESCRAVOS</u>	
42 mulheres e 60 homens escravos	123,000\$000
51 ingenuos	4,501\$000
Subtotal	<u>128,011\$000</u>
(5) <u>ANIMAIS</u>	
	5,545\$000
(6) <u>OUTROS</u>	
Estoque de provisões e café	29,620\$000
Equipamentos, máquinas e armazéns	7,000\$000
Mobiliário e objetos de prata	8,065\$000
Subtotal	<u>44,685\$000</u>
TOTAL GERAL	254,041\$000

Quadro 1: Valor de Ativos da FAZENDA ORIENTE, 1882

Fonte: “Documentos da Família Werneck”.

3. Evolução das exportações, preços e comércio do café

Na segunda metade do século XIX, o sistema de informações sobre produção, preço, exportações e mercados agrícolas internacionais já havia se aprimorado bastante. A commodity café passa a ser monitorada no mercado internacional, e os dados econômicos e financeiros divulgados com frequência nas praças comerciais.

Produção e Exportações Agrícolas do Brasil

As Tabelas a seguir apresentam um quadro geral da produção e exportação de café do Brasil no século XIX.

A Tabela 3 apresenta o valor (em milhares de mil-réis) das principais exportações do Brasil, nos anos comerciais de 1876 a 1887.

EXPORTAÇÕES	1876/77 VALOR	1876/77 Porcentagem	1886/87 VALOR	1886/87 Porcentagem
Café	112,111.6	57.3	152,433.5	67.4
Açúcar	29,992.3	15.3	22,699.5	10.0
Algodão	12,084.7	6.2	10,994.1	4.8
Borracha	11,033.9	5.6	10,623.0	4.7
Couros	8,137.3	4.2	5,132.8	2.3
Fumo	6,875.6	3.5	6,759.3	3.0
Outros *	15,327.9	7.9	17,678.3	7.8
TOTAL	195,563.3	100.0	226,269.7	100.0

Tabela 3: Valor das principais Exportações do Brasil, em milhares de mil-réis, nos anos comerciais de 1876 e 1886

Notas: *cacau, erva-mate, ouro, diamantes, madeira, castanhas e outros produtos.

Fonte: Brasil, *Relatório do Ministério da Fazenda*, 1880, Quadro 45 1887, Quadro 34.

Ressalta dessa Tabela que o café crescia em importância naquela época. No ano comercial de 1886, o café representava cerca de dois terços do total dessas exportações.

A Tabela 4 mostra a destinação dessas exportações para os mercados internacionais, durante o período de 1872 a 1889. Os dados estão apresentados por totais de milhares de sacas, com referência a sacas de 60 kg, e por triênios de anos comerciais. Observa-se que a demanda por café estava crescendo firmemente, principalmente nos Estados Unidos e Europa.

Anos Comerciais	Brasil	Outros Países	Total da Produção Mundial	Participação do Brasil em porcentual
1852-1854	7,750	7,133	14,883	52.1
55-57	8,422	7,334	15,756	53.5
58 - 1860	8,830	7,697	16,527	53.4
1861-1863	6,560	8,252	14,812	44.3
64 - 66	8,238	9,325	17,563	46.9
67 - 69	10,478	10,284	20,762	50.5
1870- 1872	11,384	11,511	22,895	49.7
73 - 75	10,034	10,799	20,833	48.2
76 - 78	12,300	12,809	25,109	49.0
79 - 1881	10,359	12,395	22,754	45.5
1882 - 1884	18,241	13,072	31,313	58.3
85 - 87	14,923	11,831	26,754	55.8
88 - 1890	17,089	12,824	29,913	57.1

Tabela 4: Participação Brasileira no Mercado Mundial do Café

Fonte: Wileman, J.P. *Brazilian Yearbook*, 1908, p.269.

A Tabela 5 apresenta as Exportações de Café (em 1.000 sacas de 60 kg. cada), segundo as (i) Receitas com a exportação de café (em milhares de mil-réis e libras esterlinas); (ii) porcentagem de exportações de café no total das exportações do País, nos anos comerciais de 1821-1869 (média anual de períodos quinquenais) e de 1870-1890 (anual).

Anos Comerciais	Quantidade Exportada (1,000 bags)	Receitas das Exportações de café em Mil -Réis	Receitas das Exportações de Café em Libras Esterlinas (1,000)	Porcentagem das Exportações de Café nas Exportações Totais
(A) Média anual por períodos quinquenais				
1821-1829*	300	4,150	725	18.5%
1830-1834	772	12,582	1,769	37.5 %
35-39	1,165	17,787	2,428	46.0 %
40-44	1,417	17,866	2,279	42.3 %
45-49	2,002	22,558	2,471	40.9 %
50-54	2,514	36,678	4,313	48.6 %
55-59	2,736	51,200	5,635	48.7 %
60-64	2,555	62,650	6,863	49.3 %
65-69	3,240	76,420	6,737	42.4 %
(B) – Anos				
1870	3,827	84,504	7,766	50.3 %
71	4,060	71,646	7,172	37.6 %
72	3,497	115,285	12,013	53.6 %
73	2,774	110,173	11,976	58.1 %
74	3,853	125,812	13,512	60.3 %
75	3,407	118,286	13,414	64.4 %
76	3,553	111,707	11,752	57.1 %
77	3,843	110,447	11,299	59.3 %
78	4,909	134,629	12,613	65.7 %
79	2,618	126,260	11,237	56.8 %
1880	3,660	126,134	11,604	54.6 %
81	4,081	104,753	9,553	49.9 %
82	6,687	122,643	10,187	62.2 %
83	5,316	130,033	11,681	59.9 %
84	6,238	152,434	13,140	67.4 %
85	5,436	124,792	9,671	64.0 %
86	6,075	186,925	14,543	70.9 %
87**	1,964	74,411	6,958	59.4 %
88***	3,444	103,205	10,857	50.0 %
89***	5,586	172,258	18,983	66.5 %
1890***	5,109	189,894	17,850	67.7 %

Tabela 5: Exportações de Café (volume, receitas)

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1839-1940, pp. 1, 375-80.

A Tabela 6 apresenta um Quadro Geral do valor e do percentual em relação ao total da produção agrícola do Império do Brasil, com foco na região produtora de café.

REGIÕES	VALOR	PORCENTAGEM
REGIÕES CAFEIEIRAS	704,657.3	64.2
Rio de Janeiro*	321,891.2	29.3
São Paulo	242,436.8	22.1
Minas Gerais	118,466.7	10.8
Espírito Santo	21,862.6	2.0
OUTRAS PROVÍNCIAS	393,616.0	35.8
IMPÉRIO DO BRASIL	1,098,273.3	100.0

Tabela 6: Valor da Produção Agrícola no Brasil (total por quinquênios, anos comerciais, 1881-85, em milhares de mil-réis)

Fonte: Brasil, Relatório do Ministério da Agricultura, 1887, p. 6.

Exportações de Café

O café consumido no mercado interno do Brasil era do tipo chamado “escolha”, classificado como sendo um grau inferior de qualidade e que enfrentava muitas dificuldades de comercialização no exterior. Desse modo, a oferta agregada das exportações de café é uma boa “proxy” para quantificar a produção de café para o mercado.

A Figura 2 apresenta a evolução das exportações brasileiras de café entre os anos de 1821 a 1889. Durante esse período, a produção de café aumentou continuamente no Brasil. Entre 1821 e 1850, a taxa média de crescimento das exportações de café foi de 8,47% por ano. Entre 1850 e 1888, as exportações de café cresceram com uma taxa média de crescimento de 2,09% ao ano. De 1871 até 1888, essa taxa de crescimento foi maior, representando 2,7 % ao ano. Na década seguinte ao ano da Abolição da Escravatura (1888), de 1889 a 1899, a taxa de crescimento das exportações de café foi de 6,4% por ano.

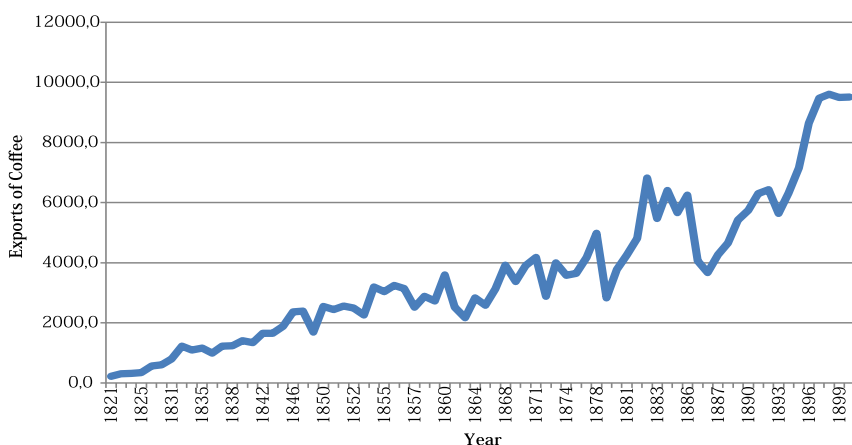


Figura 2: Brasil: Exportações de Café, 1881-1889 (1.000 sacas de 60 kg)

Fonte: Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939-1940.

A Tabela 7 apresenta a origem, por província e zona, das exportações de café de cada região. Ao inspecionar a Tabela, fica claro que a principal responsável pelo aumento da produção cafeeira, durante o período de 1871-1888, principalmente no período de 1880, foi a Zona de Santos. Ademais, nota-se que a participação de Minas Gerais estava crescendo no total da Zona do Rio, aumentando de 19,2% em 1870 para 37,3% em 1890.

Ano Calendário	Rio de Janeiro (1)	Minas Gerais (2)	Espírito Santo (3)	São Paulo (4)	Total da Zona do Rio (1+2+3+4)	Zona de Santos	REGIÃO DO CAFÉ
1870	109,968	31,704	5,759	17,518	164,949	28,207	193,156
1871	113,437	35,152	7,916	19,153	175,658	25,266	200,924
1872	102,586	26,199	6,101	13,057	147,943	25,434	173,377
1873	92,584	28,308	6,966	17,964	145,822	33,305	179,127
1874	105,175	37,116	5,137	18,221	165,649	44,801	210,450
1875	119,269	41,637	8,033	17,635	186,574	47,443	234,017
1876	111,562	36,403	5,787	17,381	171,133	41,517	212,650
1877	107,252	38,346	8,569	17,118	171,285	48,835	220,120
1878	109,608	47,926	6,222	24,018	187,774	66,273	254,047
1879	120,419	51,233	7,856	21,570	201,078	67,569	268,647
1880	133,765	54,782	9,086	21,807	219,440	67,394	286,834
1881	148,008	73,773	11,096	26,508	259,385	81,864	341,249
1882	156,124	66,974	10,103	25,473	258,674	100,870	359,544
1883	113,085	67,346	11,471	26,375	218,277	113,006	331,283
1884	130,429	62,994	8,495	20,719	222,637	122,824	352,461
1885	110,214	85,457	12,425	17,767	225,863	114,669	340,532
1886	122,569	64,741	11,516	16,749	215,575	124,070	339,645
1887	61,937	46,364	8,805	14,426	131,532	113,653	245,185
1888	109,478	66,507	9,140	14,970	200,095	115,669	315,764
1889	80,090	69,465	9,191	18,646	177,392	137,616	315,008
1890	78,643	59,770	7,965	13,944	160,322	152,749	313,071

Tabela 7: Brasil, Exportação de Café (em 1.000 kg), de acordo com Zonas e Províncias da Região do Café, 1870-1890

Fonte: Pedro C. de Mello, *The Economics of Labor in Brazilian Coffee Plantations*.

Preços do Café

A Figura 3 apresenta a evolução anual dos preços de café, medidos em termos do valor médio em libras esterlinas de ouro por saca de 60kg, entre os anos de 1821 e 1889. Durante os anos de 1850 a 1888, podemos observar que a tendência dos preços era positiva, apresentando a taxa de crescimento de 1,1% por ano.

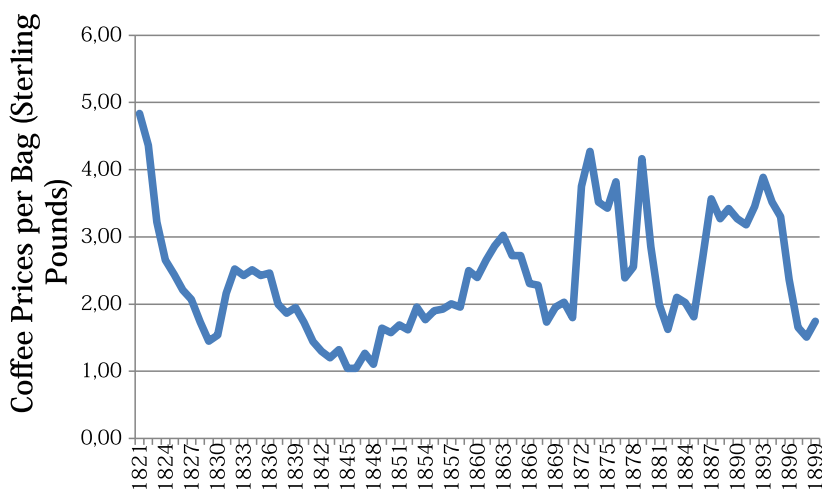


Figura 3: Brasil: Preços do Café, 1821-1899 (valor médio em libras esterlinas ouro por saca de 60 kg)

Fonte: Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Anuário Estatístico do Brasil, Ano V, 1939-1940.

A Tabela 8 apresenta os preços das exportações de café, em sacas de 60 kg, para os anos comerciais de 1870-71 a 1889-90. A Tabela utiliza os preços médios, em termos nominais e reais, medidos em mil-réis e libras esterlinas ouro. Ademais, apresenta a taxa de câmbio de mil-réis por libras esterlinas.

Anos Comerciais	Mil-réis preços *** valores nomina is	Índice de Preços em Mil-réis **	Preços em Mil-réis *** valores reais	Preços em Libras Esterlinas *** valores nomina is	Índice de Preços em Libras Esterlinas	Libras Esterlinas *** Valores reais	Taxa de Câmbio Mil-réis /Sterling Pounds
1870/71	20\$081	100.0	20\$081	2.03	100.0	2.03	10\$878
71/72	17\$647	99.9	17\$665	1.76	97.8	1.80	9\$987
72/73	32\$967	99.8	33\$033	3.43	107.5	3.19	9\$600
73/74	39\$716	99.8	39\$796	4.31	110.6	3.90	9\$198
74/75	32\$653	99.7	32\$751	3.50	105.0	3.33	9\$309
75/76	34\$718	99.6	34\$857	3.39	99.1	3.42	8\$817
76/77	31\$440	100.9	31\$160	3.90	92.5	4.22	9\$470
77/78	28\$740	102.2	28\$121	2.34	90.7	2.58	9\$771
78/79	27\$331	103.5	26\$407	2.61	86.2	3.03	10\$463
79/1880	48\$230	104.9	45\$977	4.29	81.5	5.26	11\$228
1880/81	34\$463	106.3	32\$421	3.17	84.8	3.74	10\$862
81/82	25\$669	107.9	23\$790	2.34	81.7	2.86	10\$956
82/83	18\$341	109.5	16\$750	1.61	82.9	1.94	11\$344
83/84	24\$436	111.1	22\$025	2.19	80.4	2.72	11\$130
84/85	24\$436	108.9	22\$439	2.10	77.1	2.72	11\$601
85/86	22\$957	106.7	21\$515	1.77	73.7	2.40	12\$908
86/87	30\$770	104.4	29\$473	2.39	70.0	3.41	12\$843
87/88	43\$926	102.3	42\$938	4.10	69.8	5.87	10\$696
88/89	29\$967	104.4*	28\$704	3.15	69.9	4.51	9\$505
89/1890	30\$888	103.7**	29\$786	3.39	71.3	4.75	9\$078

Tabela 8: Brasil: Preços Médios das Exportações de Café

Fonte: Pedro C.de Mello, *The Economics of Labor in Brazilian Coffee Plantations*.

Nota-se que, para o total do período coberto pelos anos comerciais de 1871-72 e 1887-88, parece não haver uma tendência secular (de crescimento ou queda) nos preços do café. Por outro lado, quando se analisam as flutuações de preços do café durante este período, deve ser registrado que os movimentos dos preços internacionais do café não eram aqueles necessariamente sentidos pelos fazendeiros do café.

Isso ocorria devido à firme depreciação da taxa de câmbio *mil-réis/sterling pounds*, que servia para amortizar os efeitos de queda de preços, permitindo aos fazendeiros deslocar parcialmente o peso da baixa de preços para as demais partes da economia, particularmente para as populações das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, que consumiam muitos produtos importados.

4. Gestão das receitas obtidas pelas fazendas de café

O Comissário de Café foi um agente fundamental para fazer a ponte entre os fazendeiros e os mercados de exportação. Agia como um intermediário na cadeia de produção e comércio do café. O Comissário atuava com os fazendeiros, auxiliando na organização de transporte e armazenagem, garantindo preços em algumas situações, e servindo como agente de compras e importações para os fazendeiros.

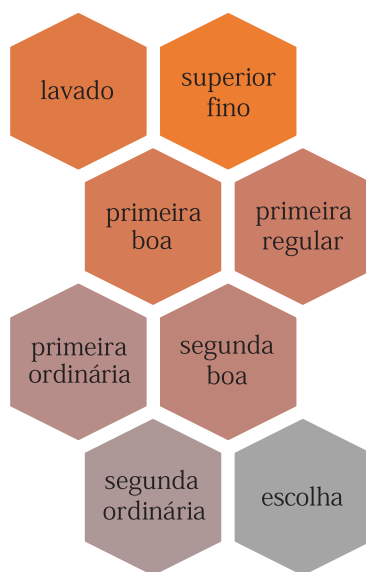
A produção do café nas fazendas, após o processamento dos grãos – secados, moídos e escolhidos – era transportada da fazenda para os armazéns dos Comissários de Café nos portos do Rio de Janeiro e de Santos.

O Comissário de Café em geral representava várias fazendas, as quais vendiam as várias colheitas para os Ensacadores (brokers de café), que faziam o *blending* e, por sua vez, vendiam as sacas para o exportador.

O preço líquido recebido pelo fazendeiro dependia da qualidade do café produzido, e das despesas incorridas em transporte, pagamentos de serviços e dos impostos provinciais e do governo central.

Existia, em relação à fazenda cafeeira, um *trade off* entre a quantidade e a qualidade do café produzido. Para aumentar a qualidade do grão, era necessário o manejo mais cuidadoso para os pés de café, a maior frequência no capino e a remoção de folhas secas e parasitas, assim como maior diligência durante a fase da colheita, o que representava aumento de custos do trabalho, pois seria necessário desviar os trabalhadores de suas outras tarefas, desacelerando a expansão dos cafezais.

Os cafés eram classificados e precificados durante esse período, de acordo com sete diferentes classes (mais a “escolha”):



Havia também uma diferença entre os preços do café e aqueles preços que o fazendeiro recebia “dentro da porteira”. Em 1880, para exemplificar a dispersão de preços de acordo com as classes de qualidade, os preços extremos (preços por 10kg de café) durante esse ano, no Rio de Janeiro, eram:

- *Lavado*: de 4\$750 a 7\$80
- *segunda ordinária*: de 3\$000 a 4\$700

Isto sugere uma diferença de 62% entre os preços médios das qualidades mais altas e as mais baixas do café produzido¹¹.

Em geral, uma fazenda produzia mais de uma qualidade de café. Em adição aos sete tipos de café, havia um café de qualidade inferior, o da “escolha”. Como ele tinha um baixíssimo valor de exportação para o fazendeiro, pouco era exportado, e seu consumo de dava preponderantemente dentro do País.

O preço recebido pelo fazendeiro era, em média, de 30% a 40% menor do que o preço F.O.B recebido pelo exportador. Para dimensionar a diferença entre o preço FOB e o preço na fazenda, podemos ter a seguinte estimativa:

- custos de transporte fazenda/porto: 25%
- impostos provinciais e taxas governamentais: 25%
- comissões, *fees*, seguros e perdas no transporte: 50%

Considerações Finais

O café durante o século XIX foi a última grande commodity a ter uma abrangente presença econômica, política e social no Brasil. No período 1850 a 1930, o Brasil era o café. Assim era visto no exterior, e no imaginário do País.

O ciclo do café pode ser visto como o último do modelo de *plantations*, típico da era colonial, embora se desenvolvesse no Brasil Império e nas primeiras décadas do Brasil República.

A economia cafeeira do Brasil no século XIX se beneficiou de um potente círculo virtuoso: preços em alta, expansão da produção e uma crescente demanda no mercado exportador.

Para concluir este Episódio, deve ser ressaltado pelos dados apresentados que, na segunda metade do século XIX, o café “era rei”. Em paralelo com o que acontecia no sul dos Estados Unidos, em que o algodão era chamado de *king cotton*, o café era mais que o produto: foi o fator marcante da formação econômica, social e política do Brasil Império.

Referências

BANCO DO BRASIL. *Atas da Gerência do Banco do Brasil*: no período 1867-1870. Brasil: Banco do Brasil, 1870.

BRASIL. Relatório do Ministério da Fazenda. *Rio de Janeiro*: Biblioteca Nacional, 1880.

BRASIL. Relatório do Ministério da Agricultura. *Rio de Janeiro*: Biblioteca Nacional, 1887.

IBGE. Anuário estatístico do Brasil: 1839-1940. *Rio de Janeiro*: Biblioteca do IBGE, 1908.

MELLO, Pedro C. de. *The Economics of Labor in Brazilian Coffee Plantations*. Santo André: Centro de Ensino Superior STRONG, 2018.

SWEIGART, Joseph E. *Coffee Factorage and the Emergence of a Brazilian Capital Market - 1850-1888*. Londres: Taylor & Francis, 198.

WALSH, Joseph M. *Coffee: Its History, Classification and Description*. Londres: Franklin Classics, 2018.

WILEMAN, J.P. Brazilian Yearbook. *Rio de Janeiro*: The Offices of the Brazilian Year Book, 1908, p. 269.

VAN DELDEN LAERNE, C.F. *Brazil and Java: Report on Coffee Culture in America, Asia and Africa* (1885). London: Kessinger Publishing, 2009.

Sobre os autores:

Prof. PhD Pedro Carvalho de Mello

Possui graduação em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Economia pela University of Chicago.. Membro (Fundador) e atual do Comitê Latino-Americano de Assuntos Financeiros - CLAAF. Atualmente é Diretor do Diretório de Pesquisa e professor da Faculdade STRONG BUSINESS SCHOOL.

Profa. Dra. Ana Cecília de Medeiros Nitzsche Kreter

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense e História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo e doutorado em Economia Aplicada pela Universidade Federal Fluminense. Foi bolsista do DAAD por duas vezes: na Universidade de Tübingen durante a graduação em Economia e no Forschungsinstitut zur Zukunft der Arbeit em Bonn, durante o doutorado. Atualmente é professora na Universidade Rhein-Waal, Alemanha. Pesquisadora do Diretório de Pesquisa da Faculdade STRONG BUSINESS SCHOOL.

